1968: Ditadura Abaixo

José Guilherme Cantor Magnani

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1737>

DOI: 10.4000/pontourbe.1737

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

José Guilherme Cantor Magnani, « 1968: Ditadura Abaixo », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1737> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1737

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

1968: Ditadura Abaixo

José Guilherme Cantor Magnani

REFERENCES

URBAN, Teresa. **1968: Ditaduras Abaixo**. Editora Arte e Letra. Curitiba:2008.

- 1 O livro, conforme se pode ler na apresentação, foi escrito por uma avó para seus netos: com esta informação, seria de esperar uma história contada ao pé da lareira, recheada de seres fantásticos, utopias, heróis, batalhas. Tal impressão é, em parte, verdade: só que a

avó é Teresa Urban, militante de esquerda, presa política nos anos da repressão, jornalista com passagens pela revista *Veja*, pelo *Estadão* e pelo *Jornal do Brasil*, entre outros veículos de comunicação, e, atualmente, escritora e ativista de causas ambientais. E a história que ela conta em **1968 Ditadura Abaixo** tem, sim, heróis, batalhas, ideais, ainda que o contexto não seja propriamente o de conto de fadas: com base em documentos, fotos, recortes de jornais, depoimentos, fichas do DOPS, cartazes e folhetos da época, Teresa constrói um vivo relato dos eventos políticos protagonizados por jovens de sua geração, no ano de 1968, no Paraná, e, especialmente na capital, Curitiba.

- 2 Para costurar os fatos e organizá-los numa estrutura narrativa, optou pelo recurso aos quadrinhos (de Guilherme Caldas) que, intercalados com a farta documentação apresentada, estabelecem um original contraponto, semificcional, com a massa de informações (às vezes, pesada), muitas delas apresentadas em fac-símile. Mas não é apenas o recurso aos quadrinhos que constitui a originalidade do livro: a composição, do material iconográfico, no estilo colagem, permite, também, uma leitura não linear: pode-se folhear o livro em qualquer sentido e o que se tem, numa espécie de caleidoscópio, é um panorama da Curitiba de então, com seus cinemas, apresentações teatrais, passeatas, reuniões estudantis, shows, festas, choques com a polícia – uma Curitiba conservadora que teve de conviver com estudantes de todo o país, descobrindo a política, quebrando tabus, experimentando novas formas de expressão e, principalmente, contestando o regime autoritário.
- 3 No seu aspecto didático, fiel ao propósito inicial de contar uma história a uma geração mais nova de leitores, Teresa apresenta um linha do tempo que, de certa forma, constitui a amarração de todo o livro: o primeiro capítulo, “Muito, muito antes de 1968”, traz, em forma de tópicos, alguns dos acontecimentos que pontuaram a história do Brasil desde o descobrimento até os anos de 1960; em seguida, em “Pouco antes”, mostra um rápido quadro sobre o contexto internacional por volta de 1964 e os anos que se seguiram ao golpe. “1968” constitui a parte central do livro – 176 páginas – que termina com a lista de desaparecidos e mortos pela repressão: é o capítulo final: “Depois”.
- 4 Para além do propósito de resgatar uma história próxima, mas ainda pouco conhecida, e disponibilizá-la, principalmente para os que dela não participaram, o livro de Teresa constitui o registro da forma como os fatos de 1968, geralmente referidos ao que ocorreu nos grandes centros do país, foram vividos num contexto fora do eixo Rio-São Paulo. Não há dúvidas de que foi naqueles centros que os acontecimentos adquiriram maior dimensão e visibilidade, mas em muitas outras regiões e cidades a resistência à ditadura, não menos intensa, teve seus lances e marcas particulares. Não se trata, porém, apenas de buscar uma espécie de “cor local”, mas de levantar fatos, pesquisar estratégias e recuperar aspectos cuja especificidade e diversidade são fundamentais para que se tenha um quadro mais completo daquele período. Nesse sentido, **1968: Ditadura Abaixo** tem o mérito de, por meio de uma linguagem ágil, de tipo jornalístico, abordar um tema que certamente está a pedir mais pesquisas e estudos sistemáticos.
- 5 Por fim, cabe registrar que o livro tem um sabor especial para todos os que tomamos parte naqueles acontecimentos – confesso que, ao receber a publicação, logo fui procurando em que lista, reportagem ou arquivo policial aparecia meu nome, ao lado do de Teresa e dos demais colegas de então. E já que esta resenha aparece numa revista de orientação antropológica, não resisto à tentativa de mencionar duas referências que estão na página 107 e que, de certa forma, mostram um aspecto não apenas do clima, mas, também, das preocupações do Movimento Estudantil em meio às lutas contra a ditadura:

um ofício, assinado por mim e por João Elísio de Andrade, respectivamente presidente e vice-presidente do Diretório Acadêmico Rocha Pombo, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFPR, solicitando a cessão de um auditório para “a realização de uma conferência sobre Existencialismo, pelo professor João Quartim de Moraes, da Universidade de São Paulo, no dia 10 de maio de 1968”. E um trecho do balanço de atividades, ao fim de nossa gestão nesse centro acadêmico: “Cursinho pré-vestibular; Peça teatral *Quando as máquinas param*, de Plínio Marcos, para a semana do calouro; Conferência do Frei Arcângelo Base sobre a encíclica *Populorum Progressio*; Conferência do Prof. Otávio Ianni, sociólogo da USP; Semana do Estruturalismo, com o Centro de Estudos de Antropologia”. Comprovadamente, a Antropologia também estava lá...

AUTHOR

JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI

Professor do Departamento de Antropologia da USP.